

**Carta aberta de Wildfire>_ para o Embaixador Pedro Motta Pinto Coelho,
Representante Permanente do Brasil junto à Conferência do Desarmamento**

Genebra, 11 de Fevereiro de 2014

Prezado Embaixador

Bem vindo à Genebra. Estamos satisfeitos que o Governo do Brasil renovou o seu compromisso de longa data para com o desarmamento, nomeando, mais uma vez, um diplomata dedicado para este posto.

Ouvimos com interesse o seu discurso inicial na Conferência do Desarmamento em 28 de janeiro. Esperávamos movimento, ação, coragem e determinação. Assim, nos desapontamos ao perceber que a sua declaração era bastante semelhante ao discurso proferido pelo seu ilustre predecessor, em janeiro de 2012.

Por muito tempo, o Brasil tem atuado na vanguarda dos apelos pelo desarmamento nuclear. Um grande país que enfrenta um ambiente complexo de segurança internacional, o Brasil tem proporcionado tanto forte liderança moral quanto um exemplo prático convincente de renúncia a armas nucleares e comprometimento para com o TNP. Os argumentos do Brasil contra armas nucleares têm sido eloquentes, claros e persuasivos. Como o seu colega Embaixador Carlos Antonio da Rocha Paranhos disse na Reunião de Alto Nível sobre Nuclear Desarmamento em Nova York, em 26 de setembro de 2013, “Para o Brasil, o desarmamento nuclear não é apenas uma obrigação sob o direito internacional. É um urgente imperativo moral e humanitário”.

No entanto, esses argumentos levaram a lugar nenhum. A dedicação incansável do Brasil, e de muitos outros Estados que não possuem armas nucleares, na implementação do TNP contribuiu para que o tratado alcançasse sucesso notável na prevenção da proliferação de armas nucleares. No entanto, vocês não receberam nada em troca dos países nuclearmente armados – a não ser uma interminável amolação sobre a necessidade de se fazer ainda mais para reduzir os riscos de proliferação.

Admiramos a dignidade e a moderação consistentemente demonstradas pelo seu Governo diante deste comportamento exasperante e, francamente, ofensivo por parte dos países nuclearmente armados.

O que não admiramos – o que não conseguimos compreender – é a devoção inabalável do Brasil ao status quo que possibilita e perpetua tal comportamento.

A verdade nua e crua é a seguinte: os Estados com armas nucleares nunca participarão de negociações globais do tipo defendido pelo Brasil e a Coalizão da “Nova”¹ Agenda. Tanto a Conferência do Desarmamento como o TNP são ferramentas que os Estados nuclearmente armados utilizam para prolongar indefinidamente a posse de armas nucleares. Não importa se essa é uma estratégia deliberada ou se é derivada do tipo de procrastinação e racionalização empregado por viciados em todos os lugares. Progresso na área de desarmamento nuclear nunca será alcançado por meio da CD, do TNP ou de qualquer fórum onde os Estados com armas nucleares tenham poder de veto. Isto tem sido demonstrado ao longo de décadas. Quanto tempo mais vai continuar tentando até seja persuadido? Dez anos? Vinte? Duzentos?

Seu compromisso para com a atual “máquina” de desarmamento da ONU decorre, sem dúvida, dos princípios mais elevados, porém, neste caso, ele simplesmente não pode produzir resultados. Nós acreditamos que é a hora de mudar sua abordagem. A única maneira de progredir com relação ao desarmamento nuclear é os Estados que não possuem armas nucleares seguirem sozinhos, assumindo o controle ao negociar um tratado de proibição de armas nucleares. Isto é o que defende Wildfire>_ (leia mais em www.wildfire-v.org).

Pode parecer contra-intuitivo, sem sentido ou mesmo absurdo negociar um tratado sem a participação de qualquer um dos Estados nuclearmente armados. Entretanto, na verdade, isso iria mudar o jogo

1 Agora está ficando velha e obsoleta.

profundamente. Você já viu a reação irracional e confusa do P5 ao movimento que busca examinar o impacto humanitário das armas nucleares. Nunca na história da era nuclear os Estados nuclearmente armados revelaram tal consternação, fraqueza, confusão e medo. Eles estão abalados pela determinação dos Estados que não possuem armas nucleares em reivindicar participação, mesmo que pequena, no jogo nuclear global. A reação deles revela uma oportunidade histórica para uma mudança fundamental. Você tem coragem de aproveitá-la?

O Brasil está numa posição privilegiada para liderar um movimento para a proibição de armas nucleares. Com o seu engajamento, seria possível transformar o cenário do desarmamento multilateral em poucos meses. E os efeitos de um movimento multilateral ultrapassando o P5 iriam muito além da esfera do desarmamento: isto teria implicações para questões mais amplas de governança global, como a reforma do Conselho de Segurança.

Então, perguntamos a você, Embaixador. O desarmamento nuclear é realmente "um urgente imperativo moral e humanitário", para o qual o Brasil está disposto a adotar medidas ousadas e decisivas? Ou você vai retornar a Brasília, após três ou quatro anos vazios e inúteis, enquanto o seu sucessor profere na Conferência do Desarmamento uma outra versão do seu discurso de 28 de Janeiro?

Com os melhores cumprimentos,

Wildfire>_